

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Kênia Ribeiro Dos Santos

CULTURARTE: A ARTE DE ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO (1911-1989) COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL E A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO HISTÓRICO EM SALA DE AULA.

São Cristóvão/SE
2026

Kênia Ribeiro Dos Santos

**CULTURARTE: A ARTE DE ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO (1911-1989)
COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL E A
FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO HISTÓRICO EM SALA DE AULA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao departamento de história, da Universidade Federal de Sergipe, como parte dos requisitos para obtenção do Certificado.

Curso: Licenciatura em História.
Docentes: Jorge Luiz Zaluski.

São Cristóvão/SE

2026

RESUMO

Kênia Ribeiro dos Santos. CULTURARTE: A ARTE DE ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO (1911-1989) COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL E A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO HISTÓRICO EM SALA DE AULA. 2026. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Departamento de História, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2026.

A presente pesquisa insere-se no campo das relações entre arte e Ensino de História, tendo como objeto a investigação das possibilidades da utilização de reproduções de obras de Arthur Bispo do Rosário (1911–1989) na escola, para uma educação antirracista. O estudo tem como objetivo analisar de que forma a produção artística desse autor permite contribuir para a formação do indivíduo histórico, compreendido como sujeito consciente de seu papel na construção da própria história. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como uma revisão da literatura sobre a vida e a obra de Bispo do Rosário, com destaque para a obra *O Senhor do Labirinto*, de Hidalgo (1996), sendo fundamentada teoricamente no conceito de “conhecimento pertinente”, de Morin (2000). A análise permite identificar que a produção artística do autor articula elementos de sua memória cultural, especialmente de sua infância em Japaratuba (SE), e de sua experiência no ambiente manicomial, constituindo-se como um potente recurso pedagógico para o Ensino de História. Como resultado, observa-se que a utilização dessas produções no ambiente escolar pode favorecer o desenvolvimento da consciência histórica e identitária dos estudantes. A partir da apresentação de um encaminhamento didático prescrito e, com base em práticas desenvolvidas no estágio obrigatório em história, conclui-se que a inserção da arte de Bispo do Rosário no ensino de História contribui para a formação de sujeitos críticos, capazes de compreender e transformar sua realidade social.

Palavras-chave: Ensino de História. Arte. Conhecimento pertinente. Indivíduo histórico.

SUMÁRIO

1. – A PESQUISA.....	5
1.1 Introdução	5
1.2 O artista.....	8
1.3 Quadro teórico	11
1.4 Estado da arte.....	13
2. A PRÁTICA EM SALA DE AULA.	15
2.1 A escola.....	15
2.2 A turma	17
2.3 Aula nº 1	18
2.4 Aula nº 2	18
2.5 Aula nº 3	19
2.6 Aula nº 4	21
2.7 Aula nº 5	22
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	22
4 CONSIDERAÇÕES.....	25
5 REFERÊNCIAS	26
6 APÊNDICE	28
Apêndice 1: DIA DA EXPOSIÇÃO DOS VÍDEOS DA VIDA E OBRA DE ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO.....	28
Apêndice 2: QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS.....	29
Apêndice 3: TEXTOS UTILIZADOS NA AULA PARA DISCUSSÃO.	31
7 ANEXOS.....	32
Anexo 1: DESENHOS LIVRES SOBRE IDENTIDADE CULTURAL EM SERGIPE.	32
Anexo 2: SEM Título [Eu vi Cristo]. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2026.	35
ANEXO 3: SEM Título [Semblantes]. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2026.	35

1. – A PESQUISA

1.1 Introdução

Ao trabalhar a História por meio de recursos artísticos em sala de aula, frequentemente nos deparamos com uma seleção de obras marcada por uma perspectiva eurocêntrica, presente tanto nos livros didáticos quanto nos materiais pedagógicos elaborados pelos docentes. Em conteúdos relacionados à História do Brasil Colonial e Imperial, por exemplo, é comum que as representações visuais se restrinjam a obras como a Coroação de Dom Pedro I, de Jean-Baptiste Debret, ou Independência ou Morte, de Pedro Américo. Embora essas produções possuam inegável relevância histórica e artística, sua predominância silencia outras formas de expressão artística igualmente significativas para a compreensão da sociedade brasileira.

Nesse contexto, a arte popular brasileira, frequentemente produzida em espaços socialmente marginalizados, acaba sendo posicionada em um lugar de menor prestígio quando comparada à tradição artística europeia, historicamente considerada como modelo de refinamento estético. Tal perspectiva, entretanto, revela uma postura preconceituosa e excludente, uma vez que reduz a arte popular a manifestações culturais restritas às classes populares. Ao contrário, essa produção artística aborda temas universais, como a fé, a natureza, os deslocamentos humanos, os vínculos familiares e as experiências coletivas, constituindo importante patrimônio cultural e simbólico.

No ensaio *O ensino da história da arte e a arte popular brasileira*, Gizza Aparecida Rodrigues de Britto discute como a arte popular tem sido historicamente colocada em uma posição secundária devido à polarização estabelecida entre arte e artesanato. Segundo essa perspectiva, as artes passaram a ser compreendidas como produções essencialmente intelectuais, associadas à criação erudita e ao conhecimento acadêmico, enquanto o artesanato foi relegado a uma condição inferior por ser produzido manualmente e fazer uso de técnicas consideradas rudimentares.

A autora argumenta que essa associação da arte popular ao artesanato está profundamente marcada por preconceitos, uma vez que pressupõe que indivíduos sem formação acadêmica seriam incapazes de produzir obras artísticas legítimas. Gizza retrata

A associação ao artesanato é impregnada de preconceitos, pois presume que a produção das peças por pessoas sem formação acadêmica as impossibilite de criar obras de arte. Tal produção seria voltada para uma função específica e existiria uma imobilidade pela repetição de padrões para atender a um mercado consumidor. Além disso, os temas abordados se limitariam a representar questões culturais específicas

classes populares, sendo sua exposição e comercialização restrita aos mercados de artesanatos e feiras (BRITTO, 2026).

Nesse entendimento, tais produções seriam vistas apenas como objetos utilitários, destinados a atender demandas específicas de mercado, caracterizados pela repetição de padrões e pela limitação temática às manifestações culturais das classes populares. Dessa forma, a exposição e a comercialização dessas produções acabam sendo frequentemente restritas a feiras e mercados de artesanato, reforçando processos de marginalização cultural e simbólica.

A oposição a essa hierarquização cultural já foi proposta pelo escritor e dramaturgo Ariano Suassuna que idealizou o Movimento Armorial, lançado oficialmente em Recife, em 1970. O movimento tinha como objetivo a construção de uma arte erudita autenticamente brasileira, inspirada nas tradições populares nordestinas e articulando diferentes linguagens, como literatura, música, teatro, dança e artes plásticas. Para Suassuna, as manifestações populares possuíam uma riqueza estética, simbólica e poética frequentemente ignorada pelos discursos artísticos dominantes. Em sua visão, essas expressões continham níveis de complexidade e sofisticação comparáveis aos encontrados na tradição erudita europeia.

Dessa forma, o Movimento Armorial defendia que a arte brasileira não precisava reproduzir modelos estrangeiros para alcançar excelência estética. A verdadeira sofisticação poderia emergir da valorização das raízes culturais nacionais, especialmente das tradições nordestinas, transformando elementos da cultura popular em produções de elevada densidade intelectual e artística. A cultura popular, portanto, não deveria ser compreendida como uma forma inferior de arte, mas como uma fonte legítima de conhecimento, imaginação e criação estética capaz de sustentar uma produção erudita genuinamente brasileira.

É nesse horizonte de valorização da cultura popular que se insere a trajetória de Arthur Bispo do Rosário, artista sergipano nascido em Japaratuba. Considerando ter recebido uma missão divina de catalogar e representar tudo o que existia no mundo para apresentar a Deus no Dia do Juízo Final, Bispo desenvolveu uma obra singular, marcada por inventários, listas, bordados, estandartes e objetos organizados de maneira minuciosa. Sua produção desafia as fronteiras entre arte, memória, religiosidade e documentação, ao mesmo tempo em que atribui significado a elementos cotidianos frequentemente considerados insignificantes. Por meio da ressignificação de materiais simples e descartados, o artista construiu um vasto inventário poético da experiência humana.

Diante do complexo universo artístico elaborado por Bispo do Rosário, permeado por elementos de sua cultura de origem e por experiências de exclusão social, esta pesquisa propõe analisar a construção do indivíduo histórico em sala de aula a partir de sua obra. Busca-se compreender de que maneira sua produção, marcada por identidade, espiritualidade e crítica social, pode contribuir para a formação de sujeitos históricos conscientes de sua cultura, de sua ancestralidade e de seu papel na sociedade. Pretende-se, assim, compreender as potencialidades pedagógicas de sua arte como instrumento de reflexão sobre identidade, marginalização e reconhecimento da diversidade histórica.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo discutir a importância da arte como meio de humanização e construção do conhecimento histórico, tomando como referência a experiência estética e existencial de Bispo do Rosário. Além disso, pretende-se compreender como o ensino de História pode dialogar com as narrativas de sujeitos historicamente silenciados, promovendo práticas educativas mais críticas, inclusivas e emancipadoras. Em diálogo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que orienta o ensino de História para a valorização das experiências, memórias e patrimônios culturais locais e regionais. Ao propor habilidades como a EF03HI04, que prevê a identificação e análise dos patrimônios históricos e culturais da cidade ou região dos estudantes, o documento reforça a importância de um ensino que parta das realidades socioculturais dos sujeitos, logo, promova uma história local. Nesse contexto, a obra de Arthur Bispo do Rosário apresenta-se como uma possibilidade de aproximação entre o conhecimento histórico escolar e as múltiplas expressões da cultura popular brasileira.

Diante dessas reflexões, este estudo orienta-se pela seguinte questão norteadora: **como a arte de Arthur Bispo do Rosário pode contribuir para a construção do indivíduo histórico na sala de aula?** Na tentativa de responder a essa provocação e em estabelecer o diálogo com outros pontos que se conectam, esta pesquisa apresenta três eixos centrais: No primeiro busca-se falar sobre Arthur Bispo do Rosário, junto de referenciais sobre o artista. Na segunda, discute-se sobre caminhos e possibilidades sobre o Ensino de História junto e/ou a partir de Arthur Bispo do Rosário. Por fim, são tecidas considerações sobre a análise empregada neste texto.

1.2 O artista

Antes do século XVIII, a loucura não era sistematicamente internada. Segundo Michel Foucault, em *Microfísica do Poder* (1978), a loucura era essencialmente compreendida como uma forma de erro ou de ilusão, uma ruptura na percepção do real que se distanciava do senso comum, responsável por impor a noção dominante de “verdade” e “realidade”. O chamado “louco” era visto como um sujeito comprometido em sua individualidade, alguém que se afastava da racionalidade coletiva e, por isso, precisava ser apartado da sociedade. Tal indivíduo, ao não partilhar da verdade comum a todos, passava a ser considerado um desvio apenas quando representava perigo à ordem social e moral vigente.

Com o advento do século XIX, estabelece-se uma nova relação entre a loucura e o espaço social. O isolamento em locais afastados, considerados ambientes onde “a loucura poderia explodir” em sua essência, foi associado a uma tentativa de retorno à natureza, como forma de reconexão com a origem humana e o equilíbrio perdido. O contato com o ambiente natural, distante das pressões artificiais da modernidade urbana, passou a ser concebido como parte de um tratamento terapêutico capaz de restituir o equilíbrio mental. Entre as práticas empregadas nesse contexto, destacava-se também o uso da arte, especialmente o teatro, como instrumento de cura e reintegração. A encenação da loucura, o uso do riso e do ridículo eram vistos como meios de devolver ao sujeito a capacidade de perceber-se como parte do coletivo social, ressignificando sua experiência de exclusão.

Em contraponto a essa visão disciplinadora, Michel Foucault, em *História da Loucura* (2006), analisa o processo histórico de exclusão do indivíduo “louco” da sociedade e discute como a “desrazão” foi usada como instrumento de silenciamento. Para o autor, a loucura não é apenas uma condição médica, mas um fenômeno social e político: a expressão de uma linguagem marginalizada e interdita, que foi historicamente excluída do campo da razão e da produção do saber. Como afirma Foucault: “[...] tudo o que caracteriza o mundo falado e interdito da desrazão; a loucura é a linguagem excluída” (2006, p.215). Assim, o filósofo destaca que, ao longo da história, a sociedade construiu fronteiras simbólicas entre razão e desrazão, confinando aqueles que fugiam à norma.

É nesse contexto de debates acerca da sanidade, da exclusão e da linguagem que se insere a trajetória de Arthur Bispo do Rosário (1911–1989), artista sergipano nascido no município de Japaratuba. Pouco se conhece sobre sua infância e juventude. Filho de um carpinteiro, Bispo cresceu em um ambiente marcado pelo catolicismo e pela cultura popular

sergipana, elementos que exerceram significativa influência sobre sua produção artística. Essas referências podem ser observadas, posteriormente, na recorrência de temas sacros, na utilização de materiais têxteis e na construção de objetos que dialogam com o universo religioso e com as tradições populares.

Entre os poucos registros documentais disponíveis sobre sua juventude, sabe-se que Bispo ingressou na Marinha do Brasil em 1925, ocasião em que se transferiu para o Rio de Janeiro, onde permaneceu por aproximadamente oito anos. Foi nesse período que iniciou sua trajetória como boxeador. Demonstrando grande habilidade técnica e agilidade, conquistou o campeonato interno da Marinha e, posteriormente, o título nacional da categoria peso-leve. Sua primeira aparição pública registrada ocorreu nos primeiros meses de 1928. Em 6 de maio daquele ano, o *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, publicou uma reportagem sobre uma luta realizada no dia anterior durante a inauguração de um estádio esportivo. A partir desse momento, diversos jornais passaram a acompanhar sua carreira, apresentando-o como uma das principais promessas do boxe nacional (Anexo 4).

Em contraste com o sucesso alcançado no esporte, sua trajetória militar foi marcada por episódios de indisciplina. Sobre esse período, Corpas afirma:

Bispo do Rosário foi excluído da Marinha em 08 de junho de 1933, por indisciplina. O que sabemos por sua caderneta registro é que ele faltava, [e] não se apresentava em serviço. Provavelmente, o fato se dava em decorrência de lutas e treinos (Corpas, 2014, p. 41–42).

Após sua exclusão da Marinha, Bispo passou a trabalhar em uma empresa como responsável na manutenção de peças de borracha. Em 1936, sofreu um grave acidente de bonde que resultou no esmagamento de seu pé, encerrando definitivamente sua carreira como atleta. Em decorrência desse acidente, ingressou com uma ação trabalhista contra a empresa em que trabalhava. Foi durante esse processo que conheceu Humberto Leone, personagem decisivo em sua trajetória. Inicialmente seu advogado, Leone passou a exercer papel fundamental em sua vida ao acolhê-lo em sua residência, onde Bispo desempenhava diferentes funções domésticas. Sua vida tomou um rumo decisivo em 22 de dezembro de 1938, quando, após vivenciar fortes alucinações e visões místicas, percorreu as ruas por dois dias até chegar ao Mosteiro de São Bento, declarando-se “enviado de Deus”. A partir desse episódio, foi fichado como “homem negro indigente” e internado no antigo Hospital Nacional de Alienados, sendo posteriormente transferido para a Colônia Juliano Moreira, onde permaneceria intermitentemente até o fim da

vida. Foi nesse espaço de confinamento que Bispo iniciou, de forma não intencional, o processo criativo que o consagraria mundialmente: *a reconstrução simbólica do mundo por meio da arte*.

Movido por suas visões e pela necessidade de expressão, Bispo passou a criar obras que traduziam seu universo interior e espiritual. Guiado por vozes e por uma sensibilidade singular, ele recriou o mundo a partir de materiais simples e cotidianos, fios de seus uniformes, pedaços de tecido, objetos descartados e sucatas, transformando-os em arte carregada de sentido. Sua produção, que mistura religiosidade, memória e crítica social, reflete uma visão de mundo própria, em que o real e o imaginário se fundem, revelando uma dimensão poética da loucura. Cada peça criada por Bispo é um testemunho de resistência e de tentativa de reorganizar a realidade a partir de um olhar outro, marginalizado e, por isso mesmo, profundamente revelador.

É inegável a presença de marcadores culturais nas obras de Arthur Bispo do Rosário. Por meio de sua produção artística, o artista reafirma sua existência e sua identidade, transformando suas memórias e experiências em elementos centrais de sua criação. A forte presença da cultura sergipana em suas obras, atravessando inclusive os momentos em que sua percepção da realidade se encontrava profundamente alterada, constitui um importante indicativo de como a construção do indivíduo histórico e cultural está intimamente relacionada às vivências da infância e aos referenciais culturais adquiridos ao longo da vida. Em *A Reminiscência em Arthur Bispo do Rosário*, a autora Ana de Almeida observa:

A estranha soma da lembrança de uma infância inserida na cultura japeratubense e de um delírio crônico, acompanhado pela obsessão em produzir, tenha resultado nesse singular fenômeno que atendia pelo nome de Arthur Bispo do Rosário (ALMEIDA, 2019).

Sergipe e sua pluralidade cultural são constantemente evocadas no vasto repertório artístico de Arthur Bispo do Rosário. Observa-se a reminiscência da Festa de Reis quando o artista utiliza elementos cuja influência remete aos fardões e aos simbolismos presentes "nas batalhas entre mouros e capitães-de-marinha da Chegança", que constituem o primeiro ato dessa celebração popular. Nessa festividade, os foliões vestem-se com trajes militares, representando marinheiros e capitães.

Sua obra *Eu Vim* (Anexo 2) constitui uma representação clara da influência dessa manifestação cultural em sua produção artística. Da mesma forma, a obra *Semblantes* (Anexo 3) apresenta estética e padrões visuais que dialogam com os trajes e símbolos característicos dessas celebrações. Tais elementos permitem observar a influência que essas festividades

exerceram na vida de Bispo do Rosário e demonstram como as experiências culturais vivenciadas na infância permaneceram presentes em sua memória, contribuindo para a preservação de sua identidade e de seu indivíduo histórico ao longo de sua trajetória.

Diante disso, torna-se pertinente estudar a trajetória e a produção artística de Arthur Bispo do Rosário neste trabalho, uma vez que suas obras evidenciam a permanência da cultura, da memória e das experiências vividas na construção da identidade do indivíduo. Ao incorporar em sua arte elementos da cultura popular sergipana, referências religiosas e lembranças de sua infância, Bispo demonstra como os sujeitos são atravessados pelos contextos históricos e culturais nos quais estão inseridos. Nesse sentido, sua produção artística constitui uma importante fonte para compreender os processos de formação do indivíduo histórico, além de possibilitar reflexões sobre memória, pertencimento, identidade e representatividade no ensino de História.

1.3 Quadro teórico

A compreensão do indivíduo no mundo contemporâneo exige uma abordagem que considere a complexidade das relações sociais, culturais e históricas. Nesse sentido, Edgar Morin (2000) propõe a ideia de um pensamento complexo, no qual o indivíduo é entendido como parte integrante de uma totalidade dinâmica, marcada por inter-relações entre o todo e as partes. Para o autor, superar a fragmentação do conhecimento é um dos principais desafios da educação, uma vez que o modelo tradicional, influenciado por perspectivas cartesianas e positivistas, tende à compartimentalização dos saberes, dificultando a construção de uma visão integrada da realidade.

Essa fragmentação, segundo Morin (2000), resulta em processos de *hiperespecialização* que limitam a capacidade do indivíduo de compreender o mundo de forma ampla, crítica e interconectada. No contexto escolar, tal lógica se manifesta, por exemplo, no ensino de História, frequentemente reduzido à linearidade dos fatos e à centralidade de narrativas oficiais, desconsiderando a pluralidade de sujeitos e experiências que compõem o processo histórico.

Essa limitação revela uma problemática central: a ausência de representatividade nos currículos escolares. Quando o ensino privilegia perspectivas eurocêntricas e elitizadas, muitos estudantes, especialmente aqueles pertencentes a grupos historicamente marginalizados, não se reconhecem nas narrativas apresentadas. Como consequência, há um distanciamento entre o aluno e o conhecimento histórico, comprometendo o desenvolvimento de sua consciência histórica e identitária.

Nesse contexto, a proposta de uma educação antirracista torna-se fundamental. Bárbara Carine (2023), ao discutir o papel da escola no enfrentamento das opressões estruturais, especialmente o racismo, destaca que a instituição escolar é um espaço central na formação humana, tanto em sua dimensão coletiva quanto individual. A autora propõe a chamada “pedagogia da implosão”, que busca romper com estruturas educacionais eurocêntricas e construir práticas pedagógicas fundamentadas na valorização da diversidade, da pluralidade de saberes e na promoção da equidade racial.

Essa perspectiva dialoga diretamente com as reflexões de Djamila Ribeiro (2019), que evidencia como o ambiente escolar pode reforçar desigualdades ao apresentar, desde cedo, um modelo de mundo centrado em referências brancas e europeias. Ao relatar sua experiência, a autora demonstra como a ausência de representatividade impacta a construção da identidade de estudantes negros, reforçando a necessidade de uma revisão crítica dos conteúdos e práticas educacionais.

Paralelamente, Luiz Fernando Cerri (2011) contribui para essa discussão ao abordar o conceito de consciência histórica, entendido como o processo pelo qual o indivíduo atribui sentido ao passado, compreende sua posição no presente e projeta possibilidades para o futuro. Para o autor, essa consciência é construída nas relações sociais e depende, em grande medida, da forma como o ensino de História é desenvolvido no ambiente escolar.

Nesse ponto, as contribuições de Cerri (2011) dialogam com a proposta de Morin (2000), na medida em que ambos defendem uma educação que ultrapasse a fragmentação do conhecimento e promova a formação de sujeitos capazes de compreender a complexidade do mundo. Ao mesmo tempo, articulam-se com as perspectivas de Bárbara Carine (2023) e Djamila Ribeiro (2019), ao evidenciar a necessidade de um ensino comprometido com a inclusão, a representatividade e a transformação social.

Essa articulação também se aproxima da filosofia ubuntu, presente nas práticas pedagógicas desenvolvidas por Bárbara Carine, que enfatiza a interdependência entre os indivíduos a partir da ideia de que “eu sou porque nós somos”. Essa concepção reforça a importância do coletivo na constituição do sujeito, destacando que a identidade individual se constrói nas relações com o outro e com a comunidade.

Dessa forma, o ensino de História deve ser compreendido como um espaço de formação crítica, no qual o aluno possa desenvolver sua consciência histórica a partir de múltiplas

referências, reconhecendo-se como sujeito ativo na construção da realidade social. Isso implica superar práticas tradicionais e incorporar abordagens que valorizem a diversidade de experiências, memórias e identidades.

Assim, a articulação entre pensamento complexo, consciência histórica e educação antirracista permite repensar o papel da escola e do ensino de História na contemporaneidade. Ao integrar essas perspectivas, torna-se possível construir práticas pedagógicas que não apenas transmitam conhecimento, mas que também contribuam para a formação de indivíduos críticos, conscientes e capazes de atuar na transformação de suas realidades.

Nesse sentido, a produção artística de Arthur Bispo do Rosário insere-se como uma possibilidade concreta de materialização dessas propostas teóricas no contexto escolar. Sua obra, construída a partir de experiências marcadas pela memória, pela religiosidade e pela vivência no espaço manicomial, rompe com padrões tradicionais de arte e conhecimento, ao mesmo tempo em que evidencia a potência de sujeitos historicamente marginalizados. Ao trazer para a sala de aula as produções de Bispo do Rosário, o ensino de História amplia suas referências, incorporando narrativas não hegemônicas e promovendo a valorização de identidades silenciadas. Dessa forma, sua arte torna-se um instrumento pedagógico capaz de articular o pensamento complexo, ao integrar múltiplas dimensões da experiência humana; a consciência histórica, ao possibilitar a reflexão sobre trajetórias e contextos, e a educação antirracista, ao reconhecer e valorizar a contribuição de um artista negro na construção do conhecimento. Assim, sua inserção no ambiente escolar contribui para a formação de sujeitos que se reconhecem como parte ativa da história, capazes de compreender e transformar a realidade em que estão inseridos.

1.4 Estado da arte

A discussão acerca da utilização da arte como elemento pedagógico no Ensino de História encontra respaldo tanto no campo acadêmico quanto no âmbito legal. A Lei nº 13.415/2017, ao alterar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), reforça a obrigatoriedade do ensino de arte na educação básica, com ênfase em suas expressões regionais. Nesse contexto, a inserção de produções artísticas como recurso didático não apenas se legitima legalmente, como também se apresenta como uma estratégia relevante para a promoção da interdisciplinaridade e da valorização de identidades culturais. Junto disso, a arte também pode ser compreendida como fonte histórica, sendo essa um dos caminhos da constituição da aula oficina, proposta por Isabel Barca e, que ao lançar tal entendimento contribuiu para configurar

- e ampliar - historicamente os sentidos e orientações do Ensino de História (Barca; Reis; Zaluski, 2026).

Diversos estudos têm destacado a importância da arte no processo de ensino-aprendizagem, especialmente no Ensino de História. Henriques (2021), em *A importância da arte para o ensino da História – exemplos em sala de aula*, demonstra como a análise de obras de arte pode ampliar as possibilidades de abordagem dos conteúdos históricos, permitindo que os alunos explorem diferentes temporalidades e contextos para além dos documentos tradicionais. A autora evidencia, por meio de práticas pedagógicas baseadas na observação de iconografias, que o uso de imagens contribui significativamente para o engajamento dos estudantes, tornando o aprendizado mais dinâmico, significativo e emocionalmente envolvente.

A partir de uma metodologia centrada na aplicação de recursos visuais em sala de aula, Henriques (2021) conclui que a utilização da arte favorece a compreensão dos conteúdos históricos, ao mesmo tempo em que estimula a sensibilidade e a interpretação crítica dos alunos. Dessa forma, a arte se configura como um instrumento capaz de enriquecer o processo educativo, ampliando as formas de leitura e compreensão do passado. Junto disso, tais orientações servem como basilares para a promoção de uma Ensino de História em diálogo com outros campos do saber, tal como nos orienta a BNCC para as propostas interdisciplinares aproximando o campo de história e suas linguagens, junto de outras linguagens.

Nessa mesma perspectiva, Albuquerque (2021), em *A arte como facilitadora nos processos educativos*, destaca que a arte sempre esteve presente como ferramenta de ensino, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, emocional e cultural dos indivíduos. A autora enfatiza o caráter interdisciplinar da arte, apontando sua capacidade de dialogar com diferentes áreas do conhecimento, inclusive a História, ao possibilitar a compreensão de aspectos simbólicos e culturais da experiência humana, como observado no estudo da arte rupestre.

Albuquerque (2021) ressalta, ainda, que a inserção da arte no ambiente escolar não deve ser compreendida como substituição de outros métodos pedagógicos, mas como um recurso complementar, capaz de potencializar o processo de ensino-aprendizagem. Ao favorecer a expressão subjetiva e o desenvolvimento da sensibilidade, a arte contribui para a formação integral do sujeito, ultrapassando os limites de uma educação estritamente técnico-científica.

Além dessas contribuições, estudos como o de Santos (2021) indicam que a arte pode atuar como um meio de ruptura com padrões sociais impostos, permitindo que o indivíduo se

expresse e construa sua identidade de forma autônoma. Nesse sentido, a produção artística de Arthur Bispo do Rosário destaca-se como um exemplo significativo, ao evidenciar como a arte pode emergir de contextos de marginalização e, ainda assim, constituir-se como forma legítima de conhecimento e expressão.

Diante do exposto, observa-se que a literatura existente reconhece a arte como uma ferramenta eficaz no ensino de História, especialmente no que se refere à promoção da interdisciplinaridade, ao desenvolvimento da sensibilidade crítica e à ampliação das formas de aprendizagem. No entanto, identifica-se uma lacuna no que diz respeito à utilização específica da obra de Arthur Bispo do Rosário como recurso pedagógico voltado à formação do indivíduo histórico e à construção de uma educação antirracista.

É nesse contexto que se insere a presente pesquisa, ao propor a análise das possibilidades pedagógicas da obra de Bispo do Rosário no ensino de História, articulando arte, consciência histórica e práticas educativas comprometidas com a valorização da diversidade e com a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel na sociedade.

2. A PRÁTICA EM SALA DE AULA.

Neste momento, busco apresentar o desenvolvimento prático da pesquisa em sala de aula, investigando de que forma a utilização das obras de Arthur Bispo do Rosário podem contribuir para a construção do indivíduo histórico no contexto escolar. Busca-se, assim, compreender como a arte pode atuar como mediadora no processo de ensino-aprendizagem da História, favorecendo a articulação entre identidade, cultura e consciência histórica, especialmente no que se refere à valorização da identidade do homem negro em sua relação com a produção artística e cultural.

A partir dessa perspectiva, procura-se responder à seguinte questão de pesquisa: como a arte de Arthur Bispo do Rosário pode contribuir para a construção do indivíduo histórico em sala de aula?

2.1 A escola

Em conformidade com a Resolução CNS nº 510/2016, que assegura a proteção da identidade dos participantes em pesquisas nas Ciências Humanas e Sociais, o nome da instituição de ensino onde foi desenvolvida a etapa prática deste trabalho não será divulgado. Contudo, serão apresentadas informações relevantes sobre a escola e os critérios que

justificaram sua escolha como campo de pesquisa, preservando-se, em todos os momentos, o anonimato da instituição e dos participantes envolvidos.

A escola em que foi realizado o presente trabalho está localizada no município de Nossa Senhora do Socorro, no estado de Sergipe. De acordo com estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município possui uma população de aproximadamente 204.081 habitantes. Historicamente, Nossa Senhora do Socorro foi caracterizada por muito tempo como uma "cidade-dormitório", em razão do intenso deslocamento diário de moradores para Aracaju em busca de oportunidades de trabalho. Embora esse fluxo permaneça significativo, o município passou por um processo de expansão urbana e desenvolvimento econômico, consolidando um comércio local diversificado, bairros com intensa atividade econômica, como o Conjunto João Alves, além da implantação de centros comerciais e serviços que ampliaram sua autonomia em relação à capital. O acelerado processo de urbanização, entretanto, ocorreu de forma desigual, resultando em desafios estruturais que ainda persistem em alguns bairros periféricos e conjuntos habitacionais mais recentes. Entre as principais demandas estão a ampliação da infraestrutura urbana, incluindo pavimentação, saneamento básico, mobilidade e regularização fundiária, sendo essa uma realidade com que os alunos presentes nessa instituição têm que lidar diariamente.

No âmbito cultural, Nossa Senhora do Socorro apresenta uma identidade fortemente marcada pela influência afro-brasileira, pela religiosidade popular e pela valorização das tradições juninas. Manifestações como o Samba de Coco e o Reisado permanecem presentes no cotidiano da população, sendo preservadas por grupos culturais locais e frequentemente apresentadas em festividades e celebrações tradicionais do município.

Atualmente, a escola atende estudantes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, desempenhando um papel fundamental na formação educacional, social e cidadã da comunidade em que está inserida. Nesse sentido, a instituição configura-se como um espaço de significativa importância para a implementação de práticas pedagógicas voltadas à valorização da identidade, da cultura e da construção do pensamento crítico dos estudantes.

A escolha da escola como campo de pesquisa justifica-se por seu contexto social, uma vez que atende majoritariamente alunos oriundos de camadas populares. Esse cenário possibilita o desenvolvimento de práticas educativas que dialoguem diretamente com as

experiências de vida dos discentes, favorecendo a construção de uma aprendizagem significativa e contextualizada.

De acordo com Cerri (2011), a consciência histórica se constitui a partir da capacidade do sujeito de compreender sua inserção no tempo e nas relações sociais. Nesse sentido, ao trabalhar com experiências artísticas que expressam trajetórias de resistência e criação, como a de Arthur Bispo do Rosário, o ensino de História possibilita que os estudantes reconheçam que os sujeitos históricos não se limitam às narrativas tradicionais, mas incluem também indivíduos que, mesmo em contextos de exclusão, produziram formas próprias de expressão e existência.

Dessa forma, a Escola escolhida apresenta-se como um espaço propício para o desenvolvimento de uma consciência histórica crítica e emancipadora, ao possibilitar a articulação entre conhecimento histórico, realidade social dos estudantes e valorização de suas identidades e vivências.

2.2 A turma

A pesquisa foi desenvolvida na turma do 8º ano “E”, composta por aproximadamente 30 alunos, em sua maioria naturais do município de Nossa Senhora do Socorro – SE. Trata-se de uma turma heterogênea, cujos estudantes compartilham, em grande parte, realidades socioeconômicas semelhantes, marcadas por condições de vida simples.

Observa-se que muitos desses discentes exercem atividades laborais informais, seja de forma autônoma ou em auxílio às suas famílias, como estratégia de complementação da renda doméstica. Essa realidade impacta diretamente sua rotina escolar, especialmente no que se refere ao tempo disponível para estudo, leitura e participação em práticas culturais mais amplas.

Além disso, as limitações socioeconômicas também restringem o acesso a atividades extracurriculares, projetos culturais e experiências artísticas que poderiam contribuir de maneira significativa para o desenvolvimento intelectual, crítico e criativo dos estudantes.

Nesse contexto, a escola assume um papel ainda mais relevante, constituindo-se como o principal espaço de formação e de acesso a experiências educativas e culturais. É no ambiente escolar que esses jovens têm a oportunidade de ampliar sua visão de mundo, desenvolver sua identidade social e cultural e estabelecer novas formas de compreensão de si mesmos enquanto sujeitos históricos.

2.3 Aula nº 1

A primeira aula teve duração aproximada de 40 minutos e teve como propósito inicial promover um momento de integração entre professora e alunos, criando um ambiente acolhedor e favorável à construção de vínculos necessários ao processo educativo. Buscou-se, nesse primeiro contato, desenvolver uma atividade de caráter dialógico, na qual os estudantes pudessem expressar suas percepções sobre os aspectos culturais que mais apreciam no estado de Sergipe. Essa abordagem teve como intuito reconhecer o repertório cultural dos discentes, valorizando seus saberes prévios e incentivando o sentimento de pertencimento à própria comunidade.

No início da atividade, observou-se certa resistência e timidez por parte da turma, comportamento comum em contextos de primeiros encontros, quando ainda não há familiaridade entre os participantes. Contudo, à medida que o diálogo se estabeleceu de maneira mais descontraída, os alunos começaram a se sentir mais à vontade para participar e compartilhar suas experiências. As falas revelaram um vínculo afetivo com elementos da cultura popular sergipana, especialmente as festas juninas, frequentemente citadas como momentos de alegria e convivência comunitária.

Com o decorrer da conversa, surgiram também menções a outras manifestações culturais tradicionais, como o reisado, demonstrando que, apesar das limitações de acesso a bens culturais mais amplos, os estudantes possuem contato com expressões culturais significativas que compõem o patrimônio imaterial do estado. Essa troca de experiências revelou não apenas o conhecimento empírico dos alunos acerca das tradições locais, mas também o potencial pedagógico de abordagens que partam de suas vivências cotidianas.

Dessa forma, a primeira aula foi fundamental para estabelecer um clima de confiança mútua, criar uma base de diálogo e, sobretudo, identificar os referenciais culturais presentes no universo dos estudantes. Essa aproximação inicial permitiu compreender melhor o contexto social e simbólico da turma, elemento essencial para o planejamento das aulas seguintes e para a construção de um ensino de História mais significativo e conectado à realidade dos discentes.

2.4 Aula nº 2

A segunda aula teve como foco o aprofundamento da discussão sobre o conceito de cultura e sua relação com a formação da identidade. A atividade, com duração aproximada de 50 minutos, foi estruturada a partir da leitura e análise de um texto elaborado com base na obra

"A identidade *cultural na pós-modernidade*", de Stuart Hall (Anexo 4). O material foi adaptado pedagogicamente, de modo a tornar o conteúdo acessível à faixa etária e ao nível de compreensão da turma do 8º ano, preservando as ideias centrais do autor, mas apresentando-as em uma linguagem clara e adequada ao contexto escolar.

O objetivo principal foi promover uma reflexão crítica acerca da presença da cultura no cotidiano dos alunos e de como ela se manifesta nas diferentes dimensões da vida social. Durante a leitura, buscou-se adotar uma abordagem dialógica, incentivando os estudantes a relacionarem o conteúdo teórico com suas próprias experiências e percepções.

A discussão que se seguiu revelou o interesse dos discentes em compreender a cultura não apenas como um conjunto de tradições ou costumes, mas como parte integrante e dinâmica de sua identidade individual e coletiva. Foram levantados exemplos do cotidiano que ilustram como hábitos, linguagens, estilos musicais e práticas sociais refletem a cultura de um grupo e, ao mesmo tempo, moldam a forma como cada sujeito se reconhece dentro da sociedade.

A conversa mostrou-se produtiva, permitindo que os alunos identificassem elementos de sua realidade que se articulam com o conceito de cultura apresentado por Hall. Essa aproximação entre teoria e vivência possibilitou que compreendessem a cultura como um processo em constante transformação, marcado pela diversidade e pela influência das relações sociais. Além disso, a aula contribuiu para despertar a percepção de que o estudo da cultura ultrapassa o campo das artes, abrangendo também as práticas, valores e modos de vida que constituem a identidade de um povo.

Por fim, observou-se que os alunos participaram de forma mais ativa em comparação à aula anterior, demonstrando maior confiança e envolvimento nas discussões. Essa evolução evidencia que o trabalho com temáticas próximas de sua realidade favorece o engajamento e o desenvolvimento de uma postura mais crítica e reflexiva diante dos conteúdos propostos.

2.5 Aula nº 3

A terceira aula teve como objetivo apresentar aos alunos a trajetória e a produção artística de Arthur Bispo do Rosário, buscando estabelecer relações entre arte, cultura e identidade. A atividade teve duração aproximada de 50 minutos e foi conduzida por meio da exibição do minidocumentário *Quem foi Arthur Bispo do Rosario*, produzido pelo Itaú Cultural e publicado em 2022 no YouTube. O vídeo apresenta aspectos da trajetória de vida e da produção artística de Arthur Bispo do Rosário, contextualizando sua obra e sua relevância para

a arte brasileira contemporânea (ITAÚ CULTURAL, 2022). O material audiovisual foi selecionado por sua linguagem acessível e pelo potencial de despertar o interesse dos estudantes, permitindo-lhes conhecer aspectos biográficos e simbólicos da produção de Bispo do Rosário.

O vídeo reúne depoimentos da psicanalista Tania Rivera e de integrantes da equipe do Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, Diana Kolker, curadora pedagógica; Raquel Fernandes, diretora; e Ricardo Resende, curador, que apresentam aspectos biográficos e analisam a relevância de sua obra para a arte brasileira. O documentário destaca que Arthur Bispo do Rosário transformou o cenário artístico nacional ao produzir uma obra singular, reconhecida tanto por sua potência estética quanto pelas discussões que suscitou acerca da loucura, da institucionalização psiquiátrica, da antipsiquiatria e da luta antimanicomial. Além disso, evidencia a diversidade de sua produção, composta por bordados, esculturas, mantos, estandartes e objetos do cotidiano ressignificados por meio de sua prática artística, demonstrando como sua criação ultrapassa os limites da arte convencional e constitui um importante patrimônio cultural brasileiro. (ANEXO 5.)

Durante a exibição, os alunos demonstraram curiosidade diante da singularidade da história do artista, especialmente por sua origem humilde e por sua capacidade de transformar experiências de sofrimento em expressões artísticas repletas de significado. Após o vídeo, foi realizada uma roda de conversa para promover a reflexão sobre o conteúdo apresentado, retomando as discussões desenvolvidas nas aulas anteriores acerca do conceito de cultura e de identidade.

Os estudantes foram convidados a identificar elementos culturais sergipanos presentes nas obras do artista e a refletir sobre como a arte pode expressar a história e as vivências de um povo. O diálogo mostrou-se bastante produtivo, pois os alunos reconheceram nas produções de Bispo do Rosário a presença de símbolos, cores e referências que remetem à religiosidade popular, às festas e às tradições nordestinas, percebendo, assim, a estreita relação entre arte, memória e história local.

A aula permitiu, portanto, integrar teoria e prática, favorecendo uma compreensão mais ampla da arte como forma de resistência e de afirmação identitária. Além disso, o estudo sobre Arthur Bispo do Rosário contribuiu para ampliar a percepção dos alunos sobre a importância de valorizar artistas brasileiros oriundos de contextos populares, reforçando a ideia de que a

cultura é produzida e ressignificada continuamente pelos diversos sujeitos que compõem a sociedade.

2.6 Aula nº 4

A quarta aula teve como objetivo incentivar a expressão artística e o reconhecimento da identidade cultural dos alunos a partir das discussões realizadas nas aulas anteriores sobre cultura, memória e arte. Nessa etapa, os estudantes foram convidados a aplicar os conhecimentos construídos, relacionando-os com suas próprias vivências e referências culturais.

Com base no que havia sido estudado, a turma foi desafiada a produzir obras artísticas de sua preferência, podendo utilizar diferentes linguagens, como desenhos, colagens, pinturas, esculturas ou outras formas de expressão visual. O critério central para a criação era que as produções representassem aspectos culturais, lugares simbólicos ou elementos do estado de Sergipe que evocaram memórias pessoais significativas para cada estudante.

A proposta despertou interesse e curiosidade, especialmente por permitir liberdade criativa e valorizar as experiências individuais. A elaboração das obras teve início em sala de aula, sob orientação da professora-pesquisadora, porém, devido ao tempo reduzido, os alunos foram orientados a concluir as produções em casa. Essa dinâmica favoreceu o envolvimento autônomo dos discentes e o fortalecimento do vínculo entre o conteúdo escolar e o universo cotidiano dos participantes.

Durante o processo de criação, observou-se que os alunos recorreram a diferentes referências do imaginário cultural sergipano, como festas populares, paisagens locais, elementos religiosos e manifestações artísticas. Esse exercício permitiu que refletissem sobre a importância da cultura como forma de expressão identitária e de preservação da memória coletiva.

A atividade, além de estimular a sensibilidade estética, possibilitou um aprendizado significativo, na medida em que os estudantes compreenderam que a arte também pode servir como instrumento de valorização da própria história e das tradições de seu povo. Assim, a aula consolidou os objetivos propostos, promovendo um diálogo entre conhecimento histórico, memória e criação artística.

2.7 Aula nº 5

A quinta e última aula teve como objetivo concluir o ciclo de atividades desenvolvidas ao longo da pesquisa, promovendo um momento de socialização e reflexão coletiva sobre as experiências vivenciadas. Nesse encontro, os alunos apresentaram verbalmente as obras artísticas produzidas, explicando as escolhas temáticas, os materiais utilizados e o significado pessoal e cultural atribuído a cada criação. Esse momento de partilha possibilitou a valorização das produções individuais e o reconhecimento da diversidade de percepções existentes dentro da turma, reforçando a importância da arte como forma de expressão e de construção identitária.

Durante as apresentações, foi possível observar o envolvimento e o entusiasmo dos estudantes ao expor suas produções e narrar as histórias e lembranças que motivaram suas criações. As falas revelaram que muitos associaram suas obras a experiências familiares, festas populares e elementos do cotidiano local, evidenciando a presença da memória afetiva e cultural em suas representações. Essa etapa final demonstrou, portanto, o potencial pedagógico da proposta em promover o diálogo entre arte, cultura e história.

Além das apresentações orais, os alunos responderam a um breve questionário elaborado com o propósito de avaliar as aulas ministradas e a prática artística desenvolvida. As respostas coletadas forneceram importantes subsídios para a análise dos resultados desta pesquisa, permitindo compreender como os estudantes perceberam as atividades, os aprendizados adquiridos e as reflexões despertadas ao longo do processo.

As considerações obtidas por meio deste instrumento serão discutidas a seguir, como parte dos resultados e da análise qualitativa desta investigação, evidenciando as contribuições da experiência pedagógica para o desenvolvimento da consciência cultural e histórica dos discentes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A avaliação da etapa prática desta pesquisa foi realizada por meio da aplicação de um questionário composto por dez questões, sendo nove objetivas e uma dissertativa, respondido por 16 estudantes presentes na turma. O instrumento teve como finalidade compreender as percepções dos alunos acerca da relação entre arte, cultura e História, antes e após o contato com a vida e a obra de Arthur Bispo do Rosário, buscando analisar em que medida a interdisciplinaridade entre arte e História contribui para a construção do indivíduo histórico.

A primeira questão investigou o interesse inicial dos estudantes pela arte. Os resultados indicaram que 58,8% responderam “mais ou menos”, 41,2% afirmaram “sim” e nenhum aluno marcou “não”, o que demonstra um interesse moderado, porém existente, pela temática antes da intervenção pedagógica.

Na sequência, ao serem questionados se a arte pode contar histórias sobre pessoas e lugares, 62,5% responderam “sim”, 25% “mais ou menos” e 12,5% “não”, indicando que a maioria já reconhecia parcialmente o potencial narrativo da arte como fonte de conhecimento histórico.

Quanto ao conhecimento prévio sobre Arthur Bispo do Rosário, 81,25% afirmaram não conhecê-lo, evidenciando a distância entre o repertório artístico dos estudantes e produções culturais brasileiras de caráter regional e marginalizado, reforçando a importância da mediação escolar no acesso a esses conhecimentos.

A questão dissertativa revelou que os estudantes foram particularmente impactados pela capacidade de Bispo do Rosário de produzir arte em condições adversas, sobretudo no contexto manicomial. As respostas apontam para uma leitura sensível da trajetória do artista, marcada por resistência, criatividade e ressignificação da experiência de sofrimento, evidenciando o potencial formativo de sua obra.

Na quinta questão, 93,75% dos alunos reconheceram que as obras de Bispo expressam aspectos importantes de sua vida, demonstrando que a mediação pedagógica contribuiu para a compreensão da relação entre arte, memória e experiência pessoal.

Ao serem questionados sobre quem pode fazer parte da História, 75% responderam “sim” para a ideia de que qualquer pessoa pode ser sujeito histórico, indicando um deslocamento de concepções mais tradicionais e elitizadas da História.

Em relação ao processo de autorreflexão, 62,5% afirmaram ter pensado “um pouco” sobre si mesmos a partir das obras, 31,25% responderam “sim” e apenas 6,25% “não”, evidenciando que a experiência estética mobilizou diferentes níveis de identificação e reflexão subjetiva.

No que se refere ao protagonismo estudantil, 56,25% acreditam que podem contribuir para melhorar a escola e a comunidade, enquanto 43,75% responderam “talvez”, sem registros negativos, o que indica o fortalecimento da percepção de agência social.

A recepção da metodologia interdisciplinar foi positiva, uma vez que 100% dos estudantes responderam “sim” ou “mais ou menos” à possibilidade de aprender História por meio da arte, demonstrando aceitação da proposta pedagógica.

Por fim, 62,5% dos alunos afirmaram sentir-se capazes de reconhecer manifestações culturais locais após as aulas, enquanto 37,5% disseram “um pouco capazes”, indicando ampliação da percepção sobre cultura e identidade regional.

4 CONSIDERAÇÕES

Os dados obtidos indicam que a utilização das obras de Arthur Bispo do Rosário favoreceu não apenas a aprendizagem de conteúdos históricos e culturais, mas também a construção de percepções mais amplas sobre identidade, memória e consciência histórica. Inicialmente, observa-se um interesse apenas moderado pela arte, o que se transforma ao longo da intervenção, sugerindo que a mediação docente foi determinante para a ampliação das sensibilidades dos estudantes.

Essa transformação dialoga com Edgar Morin (2000), ao evidenciar a necessidade de uma educação que supere a fragmentação do conhecimento e integre razão, sensibilidade e experiência. A arte, nesse contexto, atua como linguagem integradora, permitindo a articulação entre dimensões cognitivas e afetivas do aprendizado.

A quase inexistência de conhecimento prévio sobre Bispo do Rosário evidencia também desigualdades no acesso a bens culturais, reforçando o papel da escola como espaço de democratização do conhecimento. Ao entrar em contato com uma trajetória marcada pela marginalização e pela criação artística, os estudantes foram levados a refletir sobre a complexidade das experiências humanas.

Nesse sentido, os resultados relacionados à percepção de que qualquer indivíduo pode ser sujeito histórico dialogam diretamente com Cerri (2011), ao reforçar que a consciência histórica se constrói quando o sujeito se reconhece como parte ativa da história, e não apenas como espectador de grandes acontecimentos.

Além disso, o impacto emocional e reflexivo relatado pelos estudantes evidencia que a arte de Bispo do Rosário operou como mediadora entre experiência individual e compreensão histórica, permitindo que os alunos conectassem suas vivências pessoais a processos sociais mais amplos.

A aceitação da metodologia interdisciplinar arte-História confirma a pertinência da proposta pedagógica, demonstrando que abordagens que integram diferentes linguagens favorecem uma aprendizagem mais significativa, sensível e contextualizada.

Por fim, o reconhecimento do próprio potencial de atuação social por parte dos estudantes indica que a experiência ultrapassou o campo cognitivo, alcançando dimensões éticas e cidadãs, fundamentais para a formação do indivíduo histórico.

5 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Sarah Caroline Ferraz Santos. **A arte como facilitadora nos processos educativos**. 2021. Disponível em: <http://repositorio.undb.edu.br/jspui/handle/areas/473>. Acesso em: 15 jun. 2024.

ALMEIDA, Ana de. **A Reminiscência em Arthur Bispo do Rosario**. *Farol*, [S. l.], v. 15, n. 21, p. 25–33, 2019. DOI: [10.47456/rf.v1i21.30840](https://doi.org/10.47456/rf.v1i21.30840). Disponível em: <https://ojs3.ufes.br/farol/article/view/30840>. Acesso em: 9 jun. 2026.

ALMEIDA, Anderson da Silva. **Arthur Bispo Antes do Rosário: a saga de um marinheiro nordestino entre o boxe e o convés através dos jornais cariocas (1928-1938)**. *Navigator*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 37, p. 73–89, 2023. Disponível em: [Portal de Periódicos da Marinha – artigo](#). Acesso em: 16 jul. 2026.

ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10811/arthur-bispo-do-rosario>. Acesso em: 28 fev. 2024.

ITAÚ CULTURAL. **Quem foi Arthur Bispo do Rosario | Minidocumentário**. Vídeo. YouTube, 27 maio 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uclwYFET7ck>. Acesso em: 16 jul. 2026.

BARCA, Isabel; REIS, Aaron Cerqueira; ZALUSKI, Jorge Luiz. Ensino de história, Didática da História e a formação docente: uma conversa com Isabel Barca. **Revista Brasileira de Ensino de História (RBEH)**, Crato, v. 1, n. 1. 2026, p. 191-202. Disponível em: https://rbeh.com.br/rbeh/pt_BR/article/view/11 Acesso em 13 de jul. de 2026.

BRITTO, Gizza Aparecida Rodrigues de. **O ensino da história da arte e a arte popular brasileira**. Encontro de História da Arte, Campinas, SP, n. 18, p. 76–86, 2026. DOI: 10.20396/eha.18.2024.12062. Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/eventos/index.php/eha/article/view/12062>. Acesso em: 9 jun. 2026.

CERRI, Luiz Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011. (Coleção FGV de bolso. Série História).

CORPAS, Flavia dos Santos. **Arthur Bispo do Rosário: do claustro infinito à instalação de um nome**. Orientador: Marcus André Vieira. 2014. 226 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: [Maxwell PUC-Rio](#). Acesso em: 16 jul. 2026.

DAVID, Emiliano de Camargo; VICENTIN, Maria Cristina Gonçalves. **Nem crioulo doido nem negra maluca: por um aquilombamento da Reforma Psiquiátrica Brasileira**. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042020E322>. Acesso em: 10 jun. 2024.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989. p. 65-71.

GOMES, Flávio dos Santos; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Enciclopédia negra: biografias afro-brasileiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. p. 69-70.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HENRIQUES, Daniela Filipa Ramos. **A importância da arte para o ensino da história – exemplos em sala de aula**. 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/52332>. Acesso em: 15 jun. 2024.

HIDALGO, Luciana. **Arthur Bispo do Rosário: o senhor do labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

MUSEU BISPO DO ROSÁRIO ARTE CONTEMPORÂNEA. **Arthur Bispo do Rosário**. Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: [Museu Bispo do Rosário – Arthur Bispo do Rosário](#). Acesso em: 16 jul. 2026.

PINHEIRO, B. C. S. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta Brasil, 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

YASUI, Silvio. **Rupturas e encontros: desafios da reforma psiquiátrica brasileira**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010.

6 APÊNDICE

Apêndice 1: DIA DA EXPOSIÇÃO DOS VÍDEOS DA VIDA E OBRA DE ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO.



Apêndice 2: QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS.

ALUNO (A): _____
ESCOLA _____ DATA: __/__/__

RESPONDA:

1ª) Você gosta de aprender sobre arte?

- ☐ Sim
☐ Mais ou menos
☐ Não

2ª) Você acha que a arte pode contar histórias sobre as pessoas e o lugar de onde elas vieram ?

- ☐ Sim
☐ Mais ou menos
☐ Não

Sobre Arthur Bispo do Rosário

3ª) Antes da aula, você já tinha ouvido falar em Arthur Bispo do Rosário?

- ☐ Sim
☐ Não

4ª) O que mais chamou sua atenção na história de vida dele?

5ª) Ao ver as obras de Bispo, você achou que elas mostram coisas importantes da vida dele?

- ☐ Sim
☐ Um pouco
☐ Não muito

6ª) Depois das aulas, você acha que qualquer pessoa pode fazer parte da história, mesmo alguém simples ou que sofreu muito?

- ☐ Sim
☐ Não sei
☐ Não

7ª) As obras de Bispo fizeram você pensar sobre quem você é, sobre sua vida ou sobre sua comunidade?

- ☐ Sim
☐ Um pouco
☐ Não

8ª) Você acha que os estudantes podem ajudar a melhorar a escola e a comunidade onde vivem?

- ☐ Sim
☐ Talvez
☐ Não

9º) Você gostou de aprender História por meio da arte?

- ☐ Sim
- ☐ Mais ou menos
- ☐ Não

10º) Depois das aulas, você se sente mais capaz de observar, entender as manifestações culturais do seu estado ?

- ☐ Sim
- ☐ Um pouco
- ☐ Não

Apêndice 3: TEXTOS UTILIZADOS NA AULA PARA DISCUSSÃO.

SOBRE AS AULAS:

Arthur Bispo do Rosário nasceu em 1911, em Sergipe, e foi morar no Rio de Janeiro quando jovem. Lá, trabalhou como marinho e em vários outros serviços. Em 1938, após passar por um surto psicológico, ele foi internado em um hospital psiquiátrico chamado Colônia Juliano Moreira, onde viveu por muitos anos.

Durante o tempo em que ficou internado, Bispo começou a criar obras de arte usando materiais simples, como fios, tecidos e objetos do dia a dia. Ele acreditava que tinha uma missão dada por Deus: representar o mundo com suas criações.

Bispo fez **bordados, estandartes, mantos e esculturas**, tudo com muito cuidado e criatividade. Sua obra mais famosa é o **"Manto da Apresentação"**, que ele dizia que usaria para se apresentar a Deus.

Ele morreu em 1989, mas hoje é reconhecido como um dos artistas mais importantes do Brasil. Sua história mostra como a arte pode surgir em qualquer lugar e transformar vidas. Hoje, Arthur Bispo do Rosário é lembrado como um artista genial, que transformou dor, isolamento e religiosidade em criação. Sua vida levanta reflexões importantes sobre saúde mental, arte produzida em espaços de reclusão e a potência criativa de pessoas que, por muito tempo, foram silenciadas.

SOBRE CULTURA:

A cultura é o conjunto de costumes, valores, crenças, conhecimentos e modos de viver de um grupo de pessoas. É ela que influencia o jeito como pensamos, agimos e até como nos vemos enquanto indivíduos.

Nas sociedades modernas, a identidade das pessoas está passando por grandes transformações. Antes, características como classe social, gênero, etnia e nacionalidade ofereciam uma base estável para que cada um reconhecesse sua identidade. Hoje, essas referências estão menos firmes, o que pode gerar dúvidas e até uma "crise de identidade", trazendo confusão sobre quem somos e onde nos encaixamos.

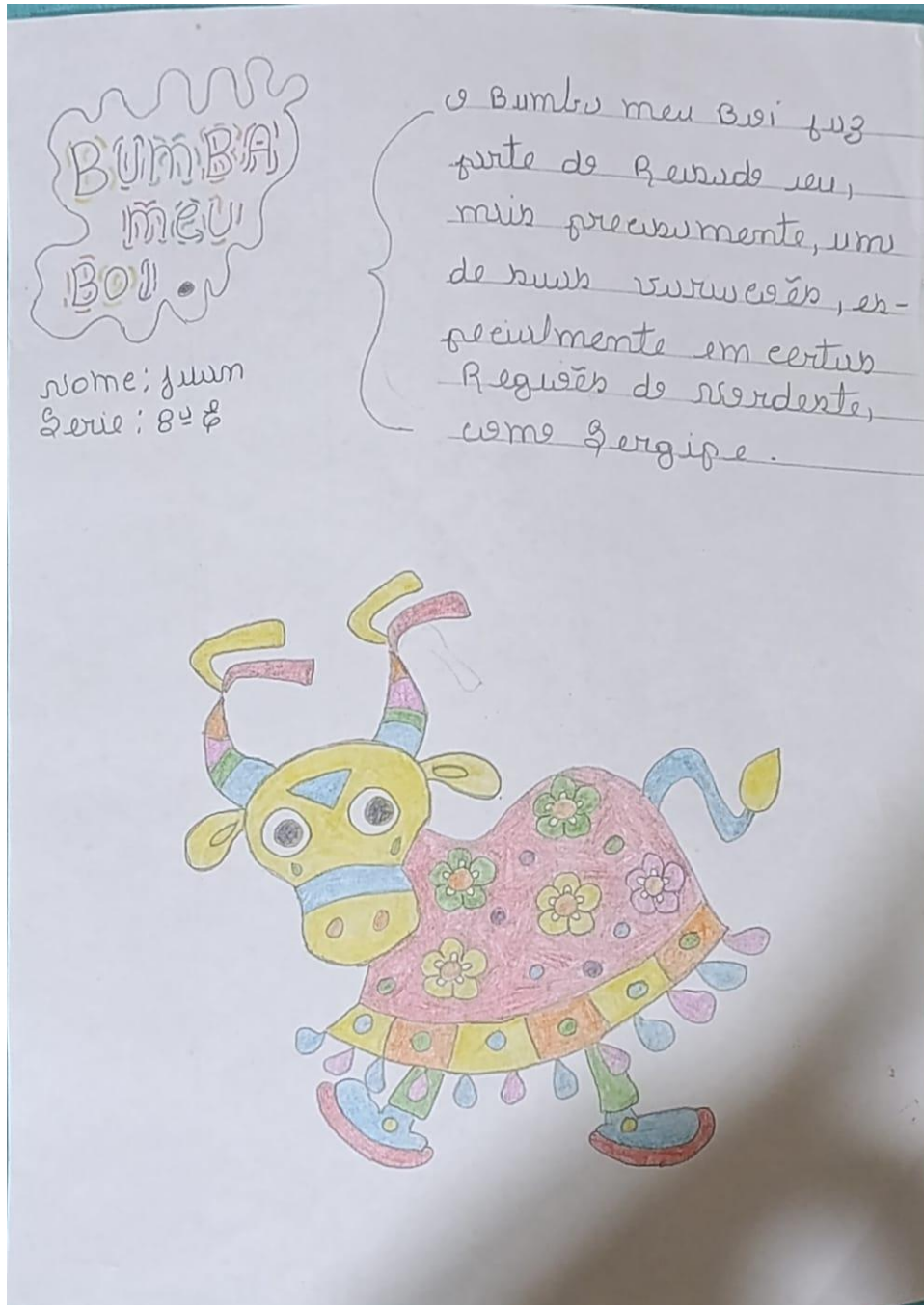
A identidade é o que conecta nosso mundo interior (como nos sentimos) ao mundo exterior (a sociedade e a cultura em que vivemos).

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE SERGIPE:

Em Sergipe, existem muitas manifestações culturais importantes que fazem parte da história e da identidade do povo sergipano. Entre elas estão as Taieiras, um grupo formado principalmente por mulheres que dançam e cantam em homenagem aos santos católicos, especialmente no período natalino. Outra tradição muito presente é o Reisado, que mistura dança, música e teatro para celebrar a visita dos Reis Magos ao Menino Jesus, também acontecendo no ciclo de Natal.

7 ANEXOS

Anexo 1: DESENHOS LIVRES SOBRE IDENTIDADE CULTURAL EM SERGIPE.



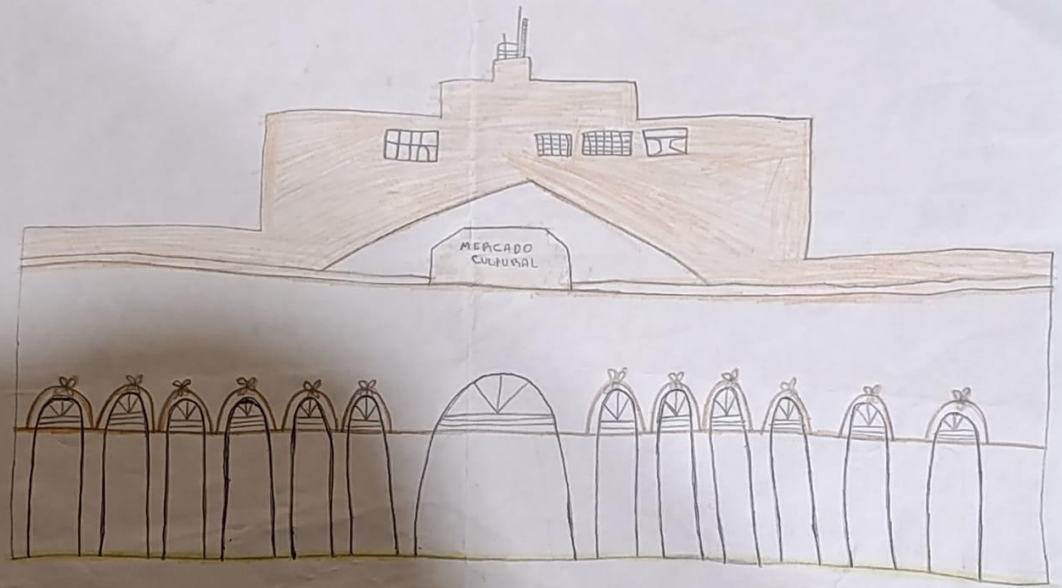
Nome: João Mikaelly dos Santos Tencaxo
Série: 8º ano E data: 10/11/25

SOCIEDADE E CULTURA



Assinado: João Mikaelly dos Santos Tencaxo

Beatriz dos Santos Oliveira



Anexo 2: SEM Título [Eu vi Cristo]. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2026.



ANEXO 3: SEM Título [Semblantes]. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2026.



ANEXO 4: Arthur Bispo, em 1931, com traje de marinheiro. FONTE: Jornal A Batalha, 12 set. 1931, p. 7

"Quero experimentar o socco de Annibal Prior"

Arthur Bispo desafia o peso leve portuguez

Montem, recebemos a visita do resistente marujo bouxeur Arthur Bispo. Veiu elle nos pedir para lançar um desafio ao leve portuguez Annibal Prior e assim nos falou:

— Eu estou em fôrma e me encontro na Villegaignon, treinando muito. Dizem que Annibal Prior tem um socco do outro mundo e eu quero ver de perto esse socco que assusta cêos e terra.

Estou disposto a experimentar a força do pupillo de Kid Pratt. Para qualquer data eu estou prompto a cruzar luvas com o menino de ouro dos portuguezes.

Ao deixar a nossa redacção disse-nos ainda o valente marujo:

— Desafie o bicho, mas desafie com fé, que eu estou prompto para as corridas...

ESCRITORIOS NA AVENIDA
Aluga-se no n.º 133 - 4.º andar por preços baratíssimos. (6023)



ARTHUR BISPO, O VALENTE MARUJO QUE QUER ENFRENTAR ANNIBAL PRIOR

ANEXO 5: VÍDEO EXIBIDO DURANTE A PRÁTICA. ITAÚ CULTURAL. Quem foi Arthur Bispo do Rosario | Minidocumentário. Vídeo.

